

Frances Hodgson Burnett

O Jardim Secreto

Tradução
João Sette Camara



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
The secret garden

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Frances Hodgson Burnett

Diagramação
Ciranda Cultural

Tradução
João Sette Camara

Design de capa
Ana Dobón

Revisão
BR75 | Clarisse Cintra,
Marcelo Barbão, Karine Ribeiro

Imagens
Tashsat/shutterstock.com;
Liliana Danila/shutterstock.com

Texto publicado integralmente no livro *O jardim secreto*, em 2019, na edição em brochura pela Ciranda Cultural. (N.E.)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B964j	Burnett, Frances Hodgson
	O jardim secreto / Frances Hodgson Burnett ; traduzido por João Sette Camara. - Jandira : Principis, 2021. 272 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial - LUXO)
	Tradução de: The Secret Garden ISBN: 978-65-5552-471-0
	1. Literatura infantil. 2. Literatura inglesa. I. Camara, João Sette. II. Título. III. Série.
2021-1311	CDD 028.5 CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantil 82-93

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Não sobrou ninguém	7
Dona Mary, que só fere.....	13
Cruzando o pântano	22
Martha.....	27
O grito no corredor	44
“Tinha alguém chorando... Tinha sim!”	51
A chave do jardim	58
O pintarroxo que indicou o caminho	65
A casa mais estranha em que alguém já morou	74
Dickon.....	84
O ninho da tordoveia.....	96
“Eu poderia ganhar um pedacinho de terra?”	105
“Sou o Colin”	115
Um jovem rajá.....	129
Fazendo o ninho	142
“Não vou não!” – disse Mary	154
Um chique.....	162
“Você não pode perder tempo”	170
“Ela chegou!”	177
“E vou viver para sempre e sempre e sempre!”	188
Ben Weatherstaff	197
Quando o Sol se pôs.....	208
Mágica.....	214
“Deixe que eles riam”	227
A cortina	239
“É a minha mãe!”	247
No jardim	257



NÃO SOBROU NINGUÉM

Quando Mary Lennox foi mandada para morar com seu tio no Solar de Misselthwaite, todas as pessoas diziam que ela era a criança de aparência mais antipática que já haviam visto. E, de fato, era verdade. Ela tinha um rostinho chupado e um corpinho magro, cabelos claros ralos e uma expressão amarga. O cabelo e o rosto eram amarelos porque ela havia nascido na Índia, e sempre estivera, de uma forma ou de outra, doente. O pai ocupava um posto no governo inglês, e sempre estivera muito atarefado e doente também, e a mãe havia sido uma grande beldade que se importava apenas com festas e se divertir com pessoas alegres. Jamais havia desejado uma filha, e quando Mary nasceu, sua mãe a entregou aos cuidados de uma aia, dando a entender que, se esta quisesse agradar a *mem sahib*¹ deveria manter a criança fora da sua vista o máximo possível. Então, quando era uma bebezinha doente, birrenta e feia, era mantida a distância, e quando era uma menininha doente, birrenta e feia, continuou sendo mantida a distância. Os únicos rostos que ela via com frequência

¹ Na Índia Britânica, termo usado para se referir às mulheres brancas de alto *status* social, especialmente as esposas dos oficiais britânicos. (N.T.)

para se tornarem familiares eram os rostos escuros de sua aia e dos outros criados nativos, e como eles sempre a obedeciam e faziam todas as suas vontades, porque a *mem sahib* se zangaria se fosse incomodada pelo choro da filha, ao completar 6 anos, era a porquinha mais tirânica e egoísta que já existiu. A jovem preceptora inglesa que tinha vindo ensiná-la a ler e a escrever desgostou tanto dela que abandonou o emprego depois de três meses, e quando outras preceptoras vieram tentar substituí-la, sempre iam embora em um tempo mais curto do que a primeira. Então, se Mary não tivesse decidido que realmente queria saber como ler livros, jamais teria aprendido o abecedário.

Em uma manhã assustadoramente quente, quando tinha cerca de 9 anos, ela acordou sentindo-se muito contrariada, e ficou mais ainda quando viu que a criada que estava de pé ao lado da cama dela não era a sua aia.

– Por que você veio? – perguntou ela à estranha mulher. – Não vou deixar você ficar. Mande a minha aia vir aqui.

A mulher pareceu assustada, mas somente gaguejou, dizendo que a aia não podia vir, e quando Mary começou a fazer um escândalo, batendo e chutando a mulher, a criada simplesmente fez mais cara de susto e repetiu que não era possível que a aia viesse ao encontro da pequena *sahib*.

Havia algo de misterioso no ar naquela manhã. Nada foi feito em sua ordem habitual, e vários dos criados nativos pareciam não estar na casa, e aqueles que Mary viu, ou se esgueiravam pela casa ou andavam apressados, com os rostos pálidos e assustados. Mas ninguém dizia nada a ela, e sua aia não veio. Ela de fato foi deixada sozinha durante a manhã e, por fim, caminhou a esmo pelo jardim e começou a brincar sozinha embaixo de uma árvore perto da varanda. Fingiu que estava fazendo um canteiro de flores e fincou em montinhos de terra grandes botões de hibisco escarlate, ficando cada vez mais irritada e resmungando consigo mesma as coisas que diria e os xingamentos que dirigiria a Saidie quando ela voltasse.

– Porca! Porca! Filha de porcos! – disse ela, porque chamar um nativo de porco é o pior insulto de todos.

Ela estava rangendo os dentes e repetindo isso muitas vezes quando ouviu sua mãe sair para a varanda com alguém. Estava com um rapaz bastante jovem e os dois conversavam de forma estranhamente baixa. Mary conhecia o rapaz de pele clara que se parecia com um menino. Ela ouvira dizer que era um oficial muito jovem que tinha acabado de chegar da Inglaterra. A criança olhou fixamente para ele, mas olhou mais fixamente ainda para sua mãe. Mary sempre fazia isso quando tinha uma oportunidade de vê-la, porque a *mem sahib*, Mary costumava chamá-la assim com mais frequência do que por qualquer outro nome, era uma pessoa muito alta, magra e linda, e vestia roupas muito bonitas. O cabelo dela era como seda encaracolada, tinha um narizinho delicado que parecia desdenhar das coisas, e olhos grandes e sorridentes. Todas as roupas dela eram finas e esvoaçantes, e Mary dizia que elas eram “cheias de rendas”. Pareciam mais cheias de renda ainda naquela manhã, mas os olhos dela não estavam rindo nem um pouco. Estavam arregalados e assustados, e erguidos suplicantemente em direção ao rosto do jovem oficial.

– É tão ruim assim? Oh, é mesmo? – Mary ouviu-a dizer.

– Terrivelmente – respondeu o rapaz, com a voz trêmula. – Terrivelmente, senhora Lennox. A senhora deveria ter ido para as montanhas há duas semanas.

A *mem sahib* retorceu as mãos.

– Ah, eu sei que eu deveria! – exclamou ela. – Só fiquei aqui para poder ir àquele jantar bobo. Que tola que eu fui!

Naquele exato momento veio um som tão alto de gemido dos aposentos dos criados que ela se agarrou ao braço do rapaz, e Mary ficou de pé, tremendo da cabeça aos pés. O gemido se tornou mais e mais violento.

– O que foi? O que foi? – arquejou a senhora Lennox.

– Alguém morreu – respondeu o jovem oficial. – A senhora não disse que a doença havia se propagado entre seus criados.

– Eu não sabia! – exclamou a *mem sahib*. – Venha comigo, venha comigo! – Ela se virou e correu para dentro da casa.

Depois daquilo, coisas terríveis aconteceram, e o ar de mistério da manhã foi explicado para Mary. A cólera havia se propagado em sua forma mais letal, e as pessoas morriam como moscas. A aia ficara doente na noite anterior, e foi porque ela acabara de morrer que os criados gemiam em suas cabanas. Antes de raiar um novo dia, três outros criados morreram, e outros haviam fugido, apavorados. O pânico se instalara por todos os lados, e havia moribundos em todos os bangalôs.

Em meio à confusão e à perplexidade do segundo dia, Mary se escondeu em seu quarto e foi esquecida por todos. Ninguém pensou nela, ninguém a queria, e coisas estranhas, das quais ela nada sabia, aconteciam. Mary se alternou entre o choro e o sono ao longo das horas. Sabia apenas que havia pessoas doentes e que ouvia sons misteriosos e assustadores. Uma vez, esgueirou-se até a sala de jantar e encontrou-a vazia, apesar de haver sobre a mesa os restos de uma refeição não terminada, e as cadeiras e os pratos parecerem ter sido apressadamente arrastados quando os comensais subitamente se levantaram por algum motivo. A criança comeu um pouco de fruta e pãezinhos, e, como estava com sede, bebeu uma taça de vinho que estava praticamente cheia. O vinho era doce, e ela não sabia como era forte. Em pouco tempo ficou extremamente sonolenta, voltou para o quarto e tornou a se trancar ali, assustada com os gritos que ouvia vindos das cabanas e com o som de passos apressados. O vinho deixou-a tão sonolenta que mal conseguia manter os olhos abertos, por isso deitou-se na cama e não soube de mais nada por um longo tempo.

Muitas coisas aconteceram durante as horas em que ela dormiu um sono muito pesado, mas não foi incomodada pelos gemidos ou pelo som de coisas sendo carregadas para dentro e para fora do bangalô.

Quando acordou, ficou deitada olhando fixamente para a parede. A casa estava em completo silêncio. Ela jamais havia visto a casa tão silenciosa assim. Mary não ouvia vozes nem passos, e ficou se perguntando se

as pessoas tinham melhorado da cólera e se todos os problemas haviam terminado. Também se perguntou quem iria cuidar dela agora que sua aia havia morrido. Viria uma nova aia e talvez ela soubesse algumas histórias novas. Mary andava muito farta das velhas histórias. Ela não chorou a morte da aia. Mary não era uma criança afetuosa e jamais se importara muito com qualquer pessoa. O barulho, a correria e os gemidos por conta da cólera a assustaram, e ela ficara com raiva porque ninguém parecia se lembrar de que estava viva. Todos estavam afetados demais pelo pânico para pensar em uma garotinha de que ninguém gostava. Quando as pessoas contraíam cólera, pareciam não se lembrar de mais ninguém além de si mesmas. Mas se todos haviam se curado, certamente alguém se lembraria dela e viria procurá-la.

Mas não veio ninguém, e, à medida que ela esperava deitada, a casa pareceu ficar cada vez mais silenciosa. Ouviu um farfalhar na esteira de palha, e, quando olhou para baixo, viu uma cobrinha deslizando e olhando para ela com olhos como joias. Mary não teve medo, porque aquela era uma coisinha inofensiva, que não a machucaria, e a cobrinha parecia apressada para sair do cômodo. Passou por debaixo da porta enquanto Mary a observava.

– Como as coisas estão estranhas e silenciosas – disse ela. – Parece que não tem ninguém além de mim e a cobra no bangalô.

Quase no minuto seguinte, Mary ouviu passos no complexo, e, depois, na varanda. Eram passos de homens que tinham entrado no bangalô e falavam baixo. Ninguém foi recebê-los ou falar com eles, e os homens pareciam estar abrindo portas e olhando dentro dos quartos.

– Que desolação! – Mary ouviu uma voz dizer. – Aquela mulher muito, muito linda! E acho que a criança também. Ouvi falar que havia uma criança, mas ninguém jamais a viu.

Mary estava de pé no meio do quarto quando eles abriram a porta alguns minutos mais tarde. Ela parecia uma coisinha feia e contrariada, e estava franzindo a testa porque começava a ficar com fome e a se sentir

desgraçadamente negligenciada. O primeiro homem que entrou era um oficial grande que certa vez ela havia visto conversando com seu pai. Ele parecia cansado e perturbado, mas quando a viu, levou um susto tão grande que quase caiu para trás.

– Barney! – chamou ele. – Tem uma criança aqui! Uma criança sozinha! Num lugar como este! Pela misericórdia de Deus, quem é ela?

– Sou Mary Lennox – disse a garotinha, empertigando-se. Ela achou o homem muito mal-educado por ter chamado o bangalô de seu pai de “um lugar como este!”.

– Eu estava dormindo quando todos pegaram cólera e acabei de acordar. Por que não vem ninguém?

– É a criança que ninguém jamais viu! – exclamou o homem, virando-se para seus companheiros. – Ela de fato foi esquecida!

– Por que eu fui esquecida? – perguntou Mary, batendo os pés no chão. – Por que não vem ninguém?

O jovem cujo nome era Barney olhou para ela com tristeza. Mary inclusive achou que ele tinha piscado os olhos para espantar as lágrimas.

– Pobre criancinha! – disse ele. – Não tem ninguém mais para vir.

Foi daquele modo súbito e estranho que Mary descobriu que já não tinha pai nem mãe, que eles haviam morrido e sido levados embora durante a noite, e que os poucos criados nativos que não tinham morrido abandonaram a casa tão rápido quanto puderam, sem nenhum deles lembrar que a pequena *sahib* existia. Era por isso que a casa estava silenciosa daquele jeito. Era verdade que não havia ninguém no bangalô além dela e da cobra barulhenta.



DONA MARY, QUE SÓ FERRE

Mary costumava gostar de olhar de longe para a mãe, e a achava muito bonita, mas como mal a conhecia, não se podia esperar que a amasse ou que sentisse qualquer saudade quando ela morreu. De fato, Mary não sentiu a mínima falta da mãe, e como era uma criança egocêntrica, devotou todos os seus pensamentos para si mesma, como sempre fizera. Se fosse mais velha, sem dúvida ficaria muito ansiosa por ter sido abandonada no mundo, mas era muito jovem, e como sempre tinham cuidado dela, achou que sempre continuariam cuidando. O que ela pensou foi que gostaria de saber se ia ficar sob os cuidados de gente boa, que a trataria com educação e faria as suas vontades, assim como sua aia e os outros criados nativos sempre fizeram.

Ela sabia que não ia permanecer na casa do clérigo inglês para onde foi levada a princípio. Não queria ficar lá. O clérigo inglês era pobre e tinha cinco filhos quase todos da mesma idade; eles usavam farrapos e estavam sempre brigando e roubando os brinquedos uns dos outros. Mary detestava a casa bagunçada deles, e era tão desagradável com os filhos do clérigo que depois de um ou dois dias todos se recusavam a brincar com ela. No segundo dia, colocaram nela um apelido que a deixou furiosa.

Foi Basil quem primeiro teve a ideia. Basil era um garotinho de olhos azuis insolentes e nariz empinado, e Mary o detestava. Ela estava brincando sozinha sob uma árvore, assim como brincara no dia em que começou a epidemia de cólera. Estava fazendo montinhos de terra e trilhas para um jardim, e Basil ficou de pé ao lado dela para observá-la. Naquele momento, ele ficou muito interessado, e subitamente fez uma sugestão.

– Por que você não bota um montinho de pedras ali e finge que é um jardim de pedras? Ali, no meio. – Ele se inclinou para apontar.

– Saia daqui! – berrou Mary. – Não quero a presença de meninos. Vá embora!

Por um instante, Basil pareceu zangado, e depois começou a implicar com Mary. Ele vivia implicando com as irmãs. Começou a dançar em volta dela, fez caretas, cantou e riu.

*Dona Mary, que só fere,
O que cresce em seu jardim?
Campainhas e conchas de mariscos,
E cravo-amarelo sem fim.*

Ele cantou isso até que as outras crianças ouviram e riram também. Quanto mais contrariada Mary ficava, mais cantavam “Dona Mary, que só fere”; depois, disso, durante todo o tempo em que ficou hospedada lá, eles a chamavam de “Dona Mary, que só fere” quando falavam dela uns com os outros, e frequentemente também quando se dirigiam a ela.

– Você vai para casa – disse Basil para ela – no final da semana e estamos contentes.

– Eu também vou ficar contente – retrucou Mary. – Onde fica a minha casa?

– Ela não sabe onde fica a casa dela! – zombou Basil, com seu escárnio de menino de 7 anos. – Fica na Inglaterra, é claro. Nossa vovó mora lá, e nossa irmã Mabel foi mandada para a casa dela ano passado. Você não vai